

# O PRÓXIMO SÍNODO DOS BISPOS

## *Provocação, invocação, convocação*

«A Igreja deseja, concretamente, habilitar cada jovem a tomar consciência que “*Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo.*” (*Evangelii gaudium*, n. 273):

daqui nasce a necessidade de esclarecer e iluminar a própria vocação específica, através do discernimento e do acompanhamento, que têm a tarefa de criar as condições necessárias para que cada jovem possa responder com alegria e generosidade ao apelo divino.

A perspectiva do Sínodo é claramente “vocacional”:

saindo do círculo da autorreferencialidade narcisística e mortífera do “quem sou eu?” – que é certamente um traço dominante da cultura globalizada pós-moderna – pede à própria Igreja e a cada jovem para entrar no sentido da pergunta mais pertinente e decisiva “para quem sou eu?”.

Esta pergunta abre o horizonte para a “largura, o comprimento, a altura e a profundidade” da vida no amor e na alegria verdadeira, que encontra na entrega do Senhor Jesus a sua raiz, o seu fundamento e a sua plenitude (cfr. Ef 3, 18).»

(Card. Lorenzo Baldisseri, *Secretário-geral do Sínodo no encontro da CCEE - Barcelona, 31 de março de 2017*)

Na conclusão dos dois Sínodos precedentes e consultando as várias Conferências Episcopais, foram indicados quatro argumentos para o tema do próximo Sínodo: os jovens, os sacerdotes, a justiça e a paz, o próprio sínodo. Unanimemente foi escolhido o primeiro tema que depois foi expresso como o conhecem no título do Documento Preparatório (DP): Os jovens, a fé e o discernimento vocacional<sup>1</sup>.

### **1. O PROCESSO SINODAL E O “DOCUMENTO PREPARATÓRIO”**

O Sínodo dos Bispos é um órgão estratégico nas mãos do Santo Padre para a reforma da Igreja. É presidido diretamente por ele e coordenado por uma secretaria geral.

Antes de mais, é importante ter claro o processo sinodal, de onde emerge com clareza que “o tempo é superior ao espaço”<sup>2</sup>: é de grande importância, no caminho de reforma da Igreja, gerar processos virtuosos, mais do que ocupar espaços na lógica do poder.

Viver a experiência eclesial de um Sínodo significa antes de mais pôr em movimento a Igreja no seu todo com o Senhor e rumo ao Senhor. Mas o caminho tem de ser ordenado e sinérgico.

(1) Depois da escolha do tema sinodal, a Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos, com a ajuda de alguns especialistas e com a aprovação do Conselho Ordinário da Secretaria Geral do Sínodo, redigiu e tornou público o *Documento Preparatório*, que é o primeiro momento importante do percurso: o objetivo deste breve e incisivo texto é o de interpelar a Igreja Universal nos seus diferentes setores. Note-se desde logo que, por assim dizer, a “vocação-missão” própria do DP está em interpelar, interrogar, procurar fazer emergir a realidade assim como é e ajudar todos e cada um a refletir com profundidade. Ler este texto à procura de respostas pastorais, estratégias operativas ou soluções imediatas significaria errar a abordagem.

<sup>1</sup> Cfr. SINODO DEI VESCOVI – XV ASSEMBLEA GENERALE ORDINARIA (presentazione di R. Sala - Riflessioni di E. Castellucci e N. Dal Molin), *I giovani, la fede e il discernimento vocazionale. Documento preparatorio e questionario*, LDC, Torino 2017. Neste texto envio para as páginas indicadas entre parêntesis nas citações do DP.

<sup>2</sup> Cfr. FRANCISCO, *Evangelii gaudium*, n. 222-225.

(2) No final do DP há um *questionário*. A resposta a este *questionário* seguindo as indicações dadas corresponde à segunda etapa do itinerário sinodal, que se está a realizar nos últimos meses e durará até ao fim de outubro. Este interpela e diz respeito a todos os setores da Igreja. Esta etapa não é pura formalidade, mas um autêntico momento de escuta e discernimento eclesial sobre os temas sinodais.

(3) Com base nas respostas que chegarão, a Secretaria Geral do Sínodo irá trabalhar de forma a ter – teoricamente até à primeira metade de 2018 – o *Instrumentum laboris* (o *Instrumento de trabalho*), que será entregue aos Padres sinodais como base para a discussão e o debate que irá acontecer no mês de outubro de 2018.

(4) O resultado dos trabalhos sinodais será entregue ao Santo Padre, a quem caberá a importante tarefa de dar indicações com prudência e sabedoria, garantindo a integridade da fé e dos costumes, e orientando toda a Igreja rumo às mais convenientes e oportunas perspectivas pastorais.

(5) Começará depois a fase de receção eclesial, ou seja da tradução concreta nas realidades educativas e pastorais das indicações que serão dadas. Com a certeza de ter a bordo um mapa adequado e atualizado, será possível a fascinante e arriscada navegação no alto mar do universo juvenil.

Como se pode ver desta simples enumeração, estamos somente no início de um longo e articulado caminho.

O DP, que com certeza vos chegou às mãos nestes meses, divide-se em três partes distintas e comunicantes, segundo um método tipicamente pastoral (escuta atenta da realidade, proposta de uma criteriologia adequada, orientações pastorais estratégicas) <sup>3</sup>.

(1) O primeiro capítulo, intitulado *Os jovens no mundo de hoje*, corresponde à fase kairológico-contextual, que tem o objetivo de contextualizar o mundo juvenil no mundo hodierno, tendo o cuidado de sinalizar algumas instâncias “kairológicas”, ou seja experiências e sinais da presença e de chamamento de Deus.

O capítulo não oferece “uma análise completa da sociedade e do mundo juvenil, mas apresenta alguns resultados de pesquisas em âmbito social úteis para refletir sobre o tema do discernimento vocacional” (DP 27).

(2) O segundo capítulo, intitulado *Fé, discernimento, vocação*, é o mais desafiante e profundo porque propõe uma criteriologia fundante sobre o tema específico do Sínodo: o discernimento vocacional dos jovens à luz da fé. Aqui toma consistência o coração da proposta teórica dos *Lineamenta*. Girando em torno da fé, claramente reconhecida como “fonte do discernimento vocacional, porque oferece os conteúdos fundamentais, mas articulações específicas, estilo singular e pedagogia própria” (DP 41), e esclarecido que o diálogo vocacional decisivo acontece na consciência, a parte central é dedicada ao “dom do discernimento” (DP 43-48).

(3) O terceiro capítulo, intitulado *Ação pastoral*, que se refere a uma fase estratégica e projetual, quer oferecer orientações e sugestões para a avaliação acerca do estilo de Igreja, os sujeitos interessados, os lugares específicos e os instrumentos adequados para realizar a “pastoral juvenil vocacional” (DP 53).

A propósito dos lugares faz-se depois uma tríplice distinção: parte-se da vida quotidiana, passa-se através dos “ambientes específicos da pastoral” (DP 61), onde a Igreja se faz protagonista de ações pastorais para os jovens e conclui-se com uma incursão no mundo digital, portador quer de oportunidades inéditas e prometedoras, quer de riscos que não devem ser desvalorizados.

(4) Parte integrante e exigente do DP é o questionário, que se propõe “ajudar os organismos que possam a exprimir a sua compreensão do mundo juvenil e a ler a própria experiência de acompanhamento vocacional, em vista da recolha de elementos para a redação do Documento de trabalho ou *instrumentum laboris*” (DP 70).

---

<sup>3</sup> Para além destas poucas referências, para uma apresentação geral do DP no seu todo, permitimo-nos de sugerir a leitura de R. SALA, *Invito alla lettura dei Lineamenta. Il “Documento preparatorio”: una mappa di navigazione durante la prima fase del Sinodo*, in «Note di pastorale giovanile» 50 (2017) 2, 6-15. Todo o *Dossier* do número da Revista é dedicado de forma monográfica ao evento sinodal (5-54).



## 2. O ENQUADRAMENTO DO “NÓ CULTURAL EPOCAL” A ENFRENTAR

A linha de continuidade entre o próximo Sínodo e os precedentes documentos do pontificado de Francisco está na vontade de colocar toda a Igreja em *discernimento* permanente. O Santo Padre fala muito do facto que o que é próprio dos jesuítas, isto é o *dom do discernimento*, se torne património de toda a Igreja, pois isto é pedido pela “mudança de época” que estamos a viver<sup>4</sup>.

Partindo da ótica do discernimento, ganha consistência a ideia e a especificação do que significa o “discernimento vocacional”, típico da juventude. Tal discernimento não acontece fechando-se na própria interioridade para procurar a identidade pessoal de forma intimista e autorreferencial, mas abrindo-se ao sentido e à orientação da própria existência de forma “estática” e “excêntrica”:

Muitas vezes, na vida, perdemos tempo a questionar-nos: «Quem sou eu?» E podes passar a vida inteira a questionar-te quem és, procurando saber quem és. Mas a pergunta que te deves fazer é esta: «Para quem sou eu?» Como Nossa Senhora, que foi capaz de questionar-Se: «Para quem, para qual pessoa sou eu, neste momento? Para a minha prima». E partiu. “Para quem sou eu”; e não: “Quem eu sou”. Isto vem depois. É uma pergunta que se deve pôr; mas, antes de mais nada: *Para quê* fazer um trabalho, um trabalho de toda uma vida, um trabalho que te faça *pensar*, que te faça *sentir*, que te faça *agir*. As três linguagens: a linguagem da mente, a linguagem do coração e a linguagem das mãos. E continuar sempre para diante. .

Já na *Evangelii gaudium* há uma passagem de grande lucidez sobre este argumento quando, ao falar da identidade do cristão, se diz que “Eu sou uma missão nesta terra, e para isso estou neste mundo.” (n. 273). Uma afirmação muito forte e precisa: a missão não é simplesmente um “fazer”, mas um “ser”, isto é, oferece-me consistência pessoal por meio da generosidade para com o próximo.

Este é, no fundo, o “movimento sinodal”: levar os jovens a passar do “quem sou eu?” ao “para quem sou eu?”.

É uma operação profética e corajosa. Trata-se de um gesto *kairológico*, pois propõe um antídoto à doença típica e específica do tempo em que somos chamados a viver e a operar do ponto de vista educativo, cultural e pastoral: o *narcisismo* sistemático, autista e mortífero.

O tema sinodal no seu todo, se bem compreendido, colhe em pleno a situação cultural que vivemos, pelo menos no nosso mundo pós-secular, oferecendo com inteligência o remédio adequado:

É uma característica pessoal o dispositivo autorreferencial, como gesto do desejo que procura antes de mais em si mesmo a própria realização, que tem de ser desconstruído. O tema chave do desejo não é a sua origem, é o seu destino. *A insistência na pergunta “quem sou eu?” leva a uma obsessão por uma resposta que o “eu” não é capaz de dar: provoca frustração, melancolia, angústia e desespero. A mutilação da autoconsciência é sanguinária e estéril. O princípio da sabedoria é perguntar-se “para quem sou eu?”. Esta pergunta abre a fronteira, dá início à aventura, transforma-nos em exploradores de terras desconhecidas e criadores de relações fecundas. Tanto quanto a atribuição do primado à interrogação sobre a origem nos torna obtusos e estranhos ao mundo, assim o reconhecimento do primado ao tema do destino nos torna dinâmicos e geradores de vida. Cada um de nós descobre facilmente que as próprias qualidades se aperfeiçoam quando procura um destino digno para os outros e nos outros. E muitas coisas, que nem sonhávamos imaginar, podemos aprender de nós mesmos, no momento em que nos questionamos sobre as partes de nós que pertencem a outros. Reconhecer estas partes de nós e o apelo a fazer ao destino – a geração de um filho é já isto mesmo –, emociona-nos, exalta-nos, satisfaz-nos de nós mesmos. E então, de repente, porque traz a nossa marca, vemos muito mais claramente quem somos: reconhecemos a nossa singularidade no trabalho e na plenitude desta doação (que é também a restituição ao humano que é comum, porque também nós nascemos e vivemos neste género de doação).*

Uma inteligência “destinada” é infinitamente mais vigorosa e gratificante, para o ego, do que uma inteligência autorreferencial. O mesmo vale para o desejo, para o conhecimento, para o amor e para a religião. A estrada da

<sup>4</sup> Cfr. FRANCESCO, *Oggi la chiesa ha bisogno di crescere nel discernimento. Un incontro privato con alcuni gesuiti polacchi*, in «La Civiltà Cattolica» III (2016) 345-349.

<sup>5</sup> FRANCESCO, *Vigília de oração em preparação para a XXXII Jornada Mundial da Juventude*, 8 de abril de 2017.

realização pessoal é esta. Perde o “auto-” mas ganha a “realização”. O ego, longe de reprimir-se, ganha dignidade e força.

O *sentido contrário*, não se trata aqui do fruto de uma escolha sacrificial entre o “eu” e o “outro”: é a *reta via* da sua recíproca edificação. Ensina sobre a justiça dos afetos, rompe a sua regressão narcisista: amor e sacrifício encontram o seu pleno sentido. *A autoanálise da identidade mantém-nos na abstração de uma auto-afeição sufocante, a procura do destino do ego é concreta, experimental, inventiva*. A obsessão da saturação do desejo leva-nos a uma melancolia mortal (que faz mal a ti e ao outro), a invenção do seu destino torna mais belo o mundo e a convivência entre os humanos. A angústia da identidade é depressiva. A exploração da geração do desejo em favor do outro é alegre e efervescente. Mas nada irracional. Esta é verificável e pode ser partilhada, e a sua justiça é notável. Não por um algoritmo, naturalmente. Somente os seres humanos a podem reconhecer, e enriquecê-la juntamente com outros seres humanos. Quando o cristianismo, com um *movimento* nunca antes visto na história – nem mesmo na história religiosa - do homem, leva o amor ao próximo (não o amigo, mas qualquer um) ao mesmo nível do amor de Deus, tendo como fundamento o Filho que se fez Homem, *fecha o caminho* a toda a orientação narcisista do fundamento do ser e do sentido. O horizonte de um Deus autorreferencial, que se torna modelo para um *monoteísmo de Si*, fecha-se sobre si mesmo para sempre. (Este ícone de Deus é a ilusão de Adão, não a revelação do Altíssimo).

Toda a lógica do ser e do sentido muda radicalmente de orientação: *quem se procura a si mesmo, perde-se, quem vive em favor do outro, encontra-se*. O *logos* da origem revela a sua verdade e a sua liberdade na pro-afeição. E a ordem dos afetos – da sua justiça e da sua eterna incorruptibilidade - tem o seu *nomos* soberano no reconhecimento do seu exato destino. Talvez não a encontres à primeira. Mas, como a afeição de Deus não é tirânica, ela inclui o fracasso no espaço e no tempo do seu resgate. O ser-bom é infinitamente maior do que o ser-bem.

[...] A autorrealização colocada como fundamento humanístico e princípio ético é o problema, não a solução. A minha convicção é que, *se se enquadra exatamente o nó, não é assim tão difícil mudar de rumo*. Porque não se trata de apagar a dignidade do sujeito livre e consciente, sacrificando-a à alteridade e à coletividade. Não é uma questão de democracia ou de ascese. Trata-se de sair - mentalmente, antes de mais – do feitiço do Narciso, estasiado e mudo, *partindo o espelho e pondo-o a trabalhar*. Assim descobrirá que é melhor, será feliz. (E nós também).

[...] A geração que *procede* do amor, na realidade - é este o paradoxo - precede o amor de si: e torna-o possível na sua forma perfeita, que é sempre aquela *responsorial*. A pergunta que indica o caminho da sua realização não é "quem sou eu?", mas sim "para quem sou eu?". Quando a primeira pergunta vem antes, a segunda fica sempre sem resposta. A primeira nunca terá resposta, a não ser aquela da desconstrução infinita, à qual ninguém sobreviverá, nem o Eu nem o Outro. Quando, pelo contrário, a segunda precede a primeira, há esperança de resposta para a segunda: porque cada resposta é como uma promessa. É o *destino que ilumina a origem*.

[...] Na hodierna cidade-mercado, o cristão não será provavelmente alguém que vive serenamente um desinteresse libertador a respeito da fatal pergunta "quem sou eu?". O cristão percebe-se como existência responsorial do apelo de Deus, o único "bom". E toma as suas decisões mais irrevogáveis quando se confia àquilo que não tem capacidade de realizar, mas que só a Deus é possível<sup>6</sup>.

### 3. OS TRÊS PONTOS DE FORÇA DO DOCUMENTO PREPARATÓRIO

No último Simpósio organizado pelo Conselho das Conferências Episcopais da Europa, sobre o tema do acompanhamento dos jovens (Barcelona, 28-31 março 2017), o Card. Lorenzo Baldisseri<sup>7</sup>, Secretário-geral do Sínodo, interveio com um discurso programático acerca das intenções e das implicações do Sínodo .

Parece-me oportuno chamar a vossa atenção para algumas passagens do seu discurso. Referindo-se às três chaves de leitura do DP (discernimento, vocação e acompanhamento), diz assim:

(1) A primeira chave de leitura sintetiza-se no convite ao *discernimento*.

O tema do discernimento é prioritário no pensamento do Santo Padre, e emerge desde os primeiros documentos do seu pontificado. Voltou a frisá-lo na sua recente visita a Milão quando interpelado pelos sacerdotes e consagrados, afirmou: “Os nossos jovens estão expostos a um *zapping* contínuo. Podem navegar em dois ou três écrans abertos simultaneamente, podem interagir ao mesmo tempo em diversos cenários virtuais. Quer nos agrade quer não, é o mundo no qual estão inseridos e é nosso dever como pastores ajudá-los a atravessar este mundo. Por isso considero que é bom ensinar-lhes a discernir [...] hoje os nossos fiéis — e nós próprios —

<sup>6</sup> P. SEQUERI, *La cruna dell'ego. Uscire dal monoteismo del sé*, Vita e pensiero, Milano 2017, 15-17.18.27.143.

<sup>7</sup> Para consultar o texto completo, cfr. o site <http://symposium2017.ccee.eu>

estamos expostos a esta realidade, e por isso estou convencido de que como comunidade eclesial devemos incrementar o *habitus* do discernimento” (25 março 2017). O Santo Padre deseja uma Igreja que sabe dialogar com franqueza, a partir da própria fé, que vendo bem é ao início uma “subtração de segurança” porque nos pede para abandonar as nossas falsas certezas e colocar-nos com confiança nas mãos de Deus: «A vossa salvação está na conversão e em terdes calma; a vossa força está em terdes confiança e em permanecerdes tranquilos.» (Is 30,15).

Discernimento significa antes de mais estar e manter-se à escuta, considerar tudo o que acontece na vida do mundo e da história, observar os seus acontecimentos com vigilância evangélica e atenção profética. Significa manter as portas abertas ao Deus da ternura que age com incompreensível criatividade na história, desejoso de falar através das palavras dos pequenos e dos pobres. Sobretudo convida a Igreja a aprender dos jovens e a pedir-lhes que “a ajudem a identificar as modalidades hoje mais eficazes para anunciar a Boa Notícia do Evangelho” (DP). Para entrar no ritmo do discernimento é necessário estar atento às pessoas concretas. A pastoral nesta perspetiva não é simplesmente “aplicação” de regulamentos ou de praxis frias e burocráticas, mas é fruto de discernimento contínuo feito de escuta, diálogo, debate de ideias, projeto, avaliação e recomeço.

(2) A segunda chave de leitura, o verdadeiro *focus* sinodal, é a *vocação*.

O dom do discernimento no que diz respeito aos jovens toca diretamente a “questão vocacional”, porque é característica desta fase da vida a coragem de tomar as rédeas da própria existência, não simplesmente como *algo que se recebe* mas sobretudo como uma *missão a atuar*. De facto ter coragem de ousar caminhos novos, de libertar com audácia a própria criatividade, de abraçar cada vez mais a lógica do serviço, de compreender a melhor forma de estar no mundo, de descobrir e fazer frutificar os talentos recebidos e viver o entusiasmo de um presente aberto ao futuro são características específicas da vida de um jovem. Na fé cristã não é possível reduzir tudo a um projeto realizado com as próprias forças e para lucro próprio, mas faz apelo a uma instância transcendente, que é a voz de Deus que com amor fala através da história dos homens e dos eventos da vida. O discernimento vocacional é então aquele “processo através do qual a pessoa realiza, em diálogo com o Senhor e a escutando a voz do Espírito, as escolhas fundamentais, começando por aquela do estado de vida. [...] Como viver a boa notícia do Evangelho e responder ao chamamento que o Senhor dirige a todos os que encontra: através do matrimónio, do ministério ordenado, da vida consagrada? E qual é o campo em que podem frutificar os próprios talentos: a vida profissional, o voluntariado, o serviço aos últimos, o empenho político?” (DP).

3) A terceira chave de leitura é o *acompanhamento*.

No DP trata-se do acompanhamento no final da segunda parte, afirmando que “trata-se de favorecer a relação entre a pessoa e o Senhor, colaborando na remoção de tudo o que a impede. [...] O guia espiritual orienta a pessoa para Deus e prepara o terreno para o encontro com Ele” (DP). Um acompanhamento é sempre um percurso a três: aquele que é acompanhado, aquele que acompanha e o Senhor Jesus, que prometeu estar connosco “todos os dias até ao fim dos tempos” (Mt 28,20). É assim indicado o tríplice motivo da sua necessidade: primeiro, a ação de Deus no coração de cada homem, que tem de ser corretamente interpretada; segundo, a fragilidade da condição humana e sobretudo o pecado, que inibe a possibilidade de uma concreta e adequada escuta; terceiro, a necessidade de decidir para não permanecer num estado de perene dúvida e incerteza.

Para realizar o acompanhamento “não basta estudar a teoria do discernimento; ocorre fazer a experiência pessoal de interpretar os movimentos do coração para aí reconhecer a ação do Espírito cuja voz fala à singularidade de cada um. O acompanhamento pessoal exige afinar continuamente a própria sensibilidade à voz do Espírito” (DP).

Ao traçar o perfil ideal do acompanhante ou guia espiritual, o DP evidencia alguns traços característicos: o olhar amoroso, a palavra com autoridade, a capacidade de se fazer próximo, a escolha de caminhar juntos e o testemunho de autenticidade.

#### **4. A qualificação vocacional da Pastoral Juvenil**

Todo este percurso leva-nos a interrogar-nos sobre a qualificação vocacional, na inspiração e na prática das nossas ações de Pastoral Juvenil.

Reproponho aqui algumas passagens do editorial da Revista *Note de Pastorale Giovanile* de março 2017, que se propunha exatamente a sensibilizar o leitor para uma *nova gramática* do DP, que em alguns pontos propõe a

“Pastoral Juvenil Vocacional”.

A *praxis* não mente. Cada um de nós está suficientemente atento e consciente que uma Pastoral Juvenil sem atenção e foco vocacional arrisca-se a ser um “juvenilismo” anônimo, normalizador, e massificado que se realiza na simples vontade de contacto com os jovens, certamente sincero mas não sempre acompanhado do anúncio das exigências essenciais da vida cristã, que pede uma resposta pessoal a um apelo pessoal: muitas vezes a nossa Pastoral Juvenil procede assim, na lógica do entretenimento lúdico, cultural, social. Esta forma de fazer no fundo não empenha a vida dos nossos jovens – e na verdade nem mesmo a nossa – na lógica vocacional.

No entanto, sabemos também dos nossos irmãos que se ocupam das “vocações” que uma pastoral vocacional separada de uma inserção no contexto da Pastoral Juvenil, mesmo tendo níveis de espiritualidade muito altos e propostas de entrega existencial totalizantes, corre o risco de se tornar uma “pastoral dos eleitos”, isto é, uma pequena minoria muito restrita. Quando no DP se fala várias vezes dos jovens em ótica universal – “todos os jovens, nenhum excluído” –, esta lógica elitista é criticada sem nenhuma possibilidade de recurso.

A dinâmica vocacional, que implica a necessidade de colocar a própria vida à disposição do Senhor de maneira plena através da resposta a um chamamento decisivo e pessoal que vem de Deus uno e trino, oferece consistência à Pastoral Juvenil e qualifica-a decisivamente, tanto que sem a instância vocacional a Pastoral Juvenil corre o risco de se reduzir a um simples empenho de promoção humana ou de animação meramente educativa ou genericamente cultural.

Parece-nos então que a expressão *Pastoral Juvenil Vocacional* projete com inteligência a nossa reflexão e a nossa prática rumo a uma integralidade não sempre conseguida por diversos motivos pelas suas duplas designações de “Pastoral Juvenil” e “Pastoral Vocacional”. Ambas por alguns aspetos, tomadas singularmente, correm o risco de não dizer plenamente aquilo que realmente está no centro da relação entre os jovens e o Evangelho. Em vez disto o DP, propondo esta nova gramática incita-nos a *qualificar* a Pastoral Juvenil e a *alargar* os espaços da Pastoral Vocacional.

## 5. PARA DEBATE E APROFUNDAMENTO

Podem ser muitas as perguntas que emergem dos quatro pontos acima tratados. Sugiro aqui algumas para abrir e tornar fecundo e propositivo o nosso diálogo.

### As etapas do processo e o documento preparatório

- O que mais te chama a atenção daquilo que foi apresentado sobre o DP?
- De que forma a nossa reflexão se insere no caminho sinodal?
- No nosso trabalho pastoral agimos em lógica sinodal?

### O enquadramento do “nó cultural epocal” a enfrentar

- De que forma o movimento sinodal do “para quem sou eu?” provoca a vida da Igreja hoje?
- Temos consciência de que estamos imersos numa “cultura do narcisismo” mais forte que nós?
- De que maneira procuramos ser uma “minoria profética” que se opõe a esta cultura?

### Os três pontos de força do documento preparatório

- Até que ponto somos uma comunidade que assume o *habitus* do discernimento?
- Nas nossas ações de animação educativa e pastoral está presente a atenção vocacional?
- Sentimo-nos adequadamente preparados para “acompanhar” os jovens que nos são confiados?

**A ideia de “Pastoral Juvenil Vocacional”**

- Qual é a base antropológica da nossa ação pastoral?
- De que forma estamos a “qualificar” vocacionalmente a nossa Pastoral Juvenil?
- De que forma estamos a “alargar” a nossa Pastoral Vocacional?